

Afresco oswaldiano: os sujeitos diante da derrocada do café

*João Pedro Trostli de Oliveira Marques*¹⁴²

Resumo: O trabalho tem por objetivo analisar a primeira manifestação literária da fase da produção artística de Oswald de Andrade iniciada na década de 1930. Definida por Antonio Candido, em seu ensaio “Estouro e libertação”, como a primeira obra do terceiro momento da produção em prosa do autor, *Marco Zero I – A Revolução Melancólica* guarda importantes diferenças em relação ao período propriamente modernista de atuação e criação do escritor em voga. Por meio da construção de uma tentativa de interpretação para o romance, erigida em torno de análises conjuntas acerca das novas influências estéticas e ideológicas do autor, das trajetórias de algumas das personagens e de alguns dos elementos formais constitutivos da obra, o presente trabalho busca aclarar determinados aspectos e ambivalências que compõem a totalidade final apresentada por essa tentativa de “romance mural”, voltada a representar literariamente a derrocada do café. Mediante tal percurso, é possível observar que o primeiro volume de *Marco Zero*, ao mesmo tempo em que marcado por sérias problemáticas e ambiguidades de ordem estética, não deixa de ser capaz de construir um retrato que, especialmente em determinadas passagens, é capaz de denunciar as fraturas e os impasses advindos do imbricamento entre o arcaico mundo patriarcal-escravocrata e aquele anunciado pela modernidade e pelo trabalho livre. Para realizar tal proposta de pesquisa, a presente reflexão foi balizada em bibliografia constituída, principalmente, pelos ensaios de Antonio Candido (“Estouro e libertação” e “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”), Roberto Schwarz (“A carroça, o bonde e o poeta modernista”) e Gilda de Mello e Souza (“Teatro ao Sul”), além das obras de Benedito Nunes (*Oswald canibal*), Antonio Celso Ferreira (*Um eldorado errante: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade*), Luís Bueno (*Uma história do romance de 30*) e da tese de mestrado de Ana Maria Formoso Cardoso Formoso e Silva (*Marco Zero de Oswald de Andrade: uma proposta de romance mural*).

Palavras-chaves: Oswald de Andrade; Marco Zero; romance brasileiro.

¹⁴² Estudante de letras (habilitação português-alemão) pela FFLCH – USP e de direito pela PUC-SP. E-mail: jocatrostli@gmail.com.

Inexistindo qualquer trajetória semelhante à riqueza de atividades literária, cultural e política desenvolvidas por Oswald de Andrade, todas elas marcadas por um íntimo diálogo com as questões que definiram a conturbada primeira metade do século XX, José Miguel Wisnick descreveu¹⁴³ o escritor como sendo um “sismógrafo das grandes questões da primeira metade do século”, visto que as transformações experienciadas em sua vida, em seus mais diversos níveis, estão atreladas aos momentos específicos em que se viu inserido, por vezes resultando em movimentos característicos de abandono e retorno no que concerne à sua própria obra.

Ao se estudar a década de 1930, observam-se profundas guinadas em relação aos rumos e diretrizes estéticas e ideológicas que definiram as obras produzidas na década anterior. Afetados e dialogando com as crises econômicas e com as mais variadas fraturas e impasses sociais que marcaram os anos 1930, diversos intelectuais buscaram novas formas de criação e de atuação sobre o novo paradigma histórico que se apresentava. Mesmo aqueles nomes já consagrados e que participaram ativamente do movimento modernista refletiram criticamente acerca dos resultados obtidos por suas formas pretéritas de atuação e criação, chegando a ponto de proferirem críticas inflamadas a tais produções.

Um desses nomes a realizar tal sopesamento foi Oswald de Andrade. Conforme atesta o prefácio de *Serafim Ponte Grande*, a década de 1930 correspondeu a um daqueles momentos de abandono do autor em relação aos moldes de sua atuação artística. No prefácio, de 1933, ao se declarar enojado de tudo e estar possuído por um forte desejo de engajamento social, especialmente na defesa da causa comunista, Oswald inicia uma nova etapa da sua produção.

Marco Zero I – A Revolução Melancólica (1943) pode ser entendido como um produto direto da guinada estético-ideológica anunciada pelo autor. Como “sismógrafo das grandes questões da primeira metade do século”, é possível notar fortes influências da crise que se instaura após a quebra da bolsa de Nova York na sua atitude de renovação artística, responsável por renegar quase a totalidade da sua produção pretérita. A metamorfose particular de Oswald parece ecoar as mudanças mais gerais que ocorreram

¹⁴³ Em aula recentemente ministrada no Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e que tive a oportunidade de assistir como ouvinte durante o desenvolvimento do trabalho de iniciação científica, o professor José Miguel Wisnick comentou sobre a singularidade extraordinária apresentada por Oswald de Andrade no quadro da literatura nacional, justamente destacando a capacidade do autor em participar dos grandes temas da sua época.

no contexto da produção literária brasileira na passagem da década de 1920 para a década de 1930, a ponto de Luís Bueno eleger *Marco Zero* como a obra capaz de representar a descontinuidade existente entre os dois períodos de produção artística, principalmente no que concerne à impossibilidade de se observar uma continuidade pacífica entre os projetos ideológicos correspondentes às duas gerações (BUENO, 2015).

Nesse sentido, por meio da construção de uma tentativa de interpretação para alguns dos aspectos mais importantes do primeiro volume de *Marco Zero*, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar determinados elementos da primeira manifestação literária dessa nova fase artística de Oswald, especialmente aqueles concernentes ao caráter ambivalente da abordagem literária em relação aos temas que constituem o enredo do romance.

Desejando estudar a crise de um mundo que acompanhou de perto, Oswald elege uma recriação singular da Revolução de 1932 como o evento central da narrativa d' *A Revolução Melancólica*, filtrada pelas lentes partidárias e engajadas das quais passou a ser adepto. A partir de tal pano de fundo, apresenta-se a derrocada do café, sendo possível conceber *A Revolução Melancólica*, assim como as peças teatrais de Jorge Andrade e Abílio Pereira de Almeida (SOUZA, 2008), como uma das obras que trabalham com o rico filão literário da decadência da oligarquia cafeicultora paulista.

Como resultado de seu novo fazer artístico, *A Revolução Melancólica* apresenta uma compleição estética muito diversa daquelas dos dois grandes romances modernistas do autor. Enquanto a produção, atuação e presença de Oswald na década de 1920 – especialmente a poesia Pau-Brasil – estão indissociavelmente relacionadas à pujança do café (SCHWARZ, 1987) e àquele “tipo de utopia que um projeto de vanguarda pressupõe” (BUENO, p. 59; 2015), a terceira fase da sua produção em prosa, por sua vez, está intimamente atrelada ao conturbado quadro histórico da derrocada desse mesmo mundo que outrora possibilitou um “próspero” período econômico e um movimento de renovação artística.

Apesar das convulsões sociais que introduziram a década de 1930, a permanência latente e, em certo aspecto, a exposição mais gritante de algumas fraturas e impasses de uma ordem de mundo que agora se revelava sem os floreios da prosperidade econômica, foram responsáveis pelo movimento de mudança de programa estético-ideológico observado entre as gerações de 1920 e de 1930, principalmente no que tange à “consciência de subdesenvolvimento” (CANDIDO, 1989) que passou a pautar as produções do romance de 30.

Propondo-se a estudar a derrocada do café, *A Revolução Melancólica* apresenta um aspecto extremamente positivo no que concerne à sua reiterada capacidade de apontar para o problemático imbricamento entre ordens sociais díspares, isto é, para a acomodação entre o mundo arcaico e a modernidade. Se na década de 1920 a modernidade era anunciada como uma promessa a ser realizada em um futuro não tão distante, no período da composição e da publicação do primeiro volume de *Marco Zero*, a promessa de uma nova era passa a ser interpretada mediante a frustração e a mudança de visão de país aventada anteriormente.

A análise das trajetórias de algumas das personagens do romance, especialmente de Jango da Formosa e de Lírio de Piratininga, aponta para uma imagem de país muito diversa daquela apresentada por Oswald na década de 1920. Diante de uma modernidade que ainda mantém e é construída sobre os pilares de uma estrutura social arcaica, o caráter melancólico que se observa na trajetória das personagens – advindo justamente da impossibilidade de suas afirmações enquanto sujeitos em uma ordem de mundo tão ambígua quanto aquela engendrada e denunciada pela crise do café –, também proporciona uma acepção melancólica em uma dimensão supraindividual, referente à questão de que a possibilidade de uma nova e diferente forma de organização da sociedade, entendida pelo Oswald *engagé* como a promessa futura da realização da revolução social, já está, desde o princípio, condenada ao fracasso devido ao imbricamento de ordens sociais antagônicas na modernidade anunciada.

O tom de denúncia e crítica ao contexto histórico está refletido, inclusive, nos procedimentos formais adotados pelo novo fazer artístico do autor, principalmente no que concerne às fortes influências da estética dos pintores muralistas na composição de *Marco Zero* – responsáveis pela designação do romance como sendo um “afresco social” – e do cinema mudo soviético na técnica cinematográfica empregada na narrativa.

Os diversos expedientes formais de criação da nova fase de produção do escritor estão polarizados e aparentam ser mobilizados à luz da aludida “consciência de subdesenvolvimento” e do conseqüente desejo de engajamento social, isto é, da necessidade de se “marchar com as multidões”, para dialogar com a expressão utilizada por Mário de Andrade em seu ensaio “O movimento modernista” (1942).

A revolta de Oswald contra o esteticismo que supostamente impregnava sua produção pretérita constitui um importante elemento da inflamada crítica veiculada no prefácio de *Serafim Ponte Grande*, o grande epitáfio da sua fase boêmia. Todavia, é justamente de tal atitude engajada do autor, isto é, da sua “vontade programada de fazer

romance social” (CANDIDO, p. 57; 2017), que alguns aspectos da dimensão ambivalente do romance poderiam ser analisados.

Ao mesmo tempo em que *A Revolução Melancólica* é uma tentativa de elaboração de um “romance mural”, supostamente aberto a receber e confrontar a heterogeneidade de perfis e de forças sociais do período com o qual se propôs a trabalhar, objetivo que estaria transfigurado por meio da fragmentação da narrativa em múltiplas perspectivas e inúmeros fragmentos – assim almejando transformar a arte em uma peça ativa do debate público da época –, igualmente é possível notar na constituição da obra uma instância narrativa que atua como um filtro interpretativo e predeterminado da “figuração do outro” (BUENO, 2015), das trajetórias de todas as personagens e dos acontecimentos que compõem a trama de *A Revolução Melancólica*, sempre “julgando-os” de acordo com os valores mais caros que estão na base da concepção do romance e de seu caráter engajado.

Abordando questão similar acerca da alteridade, Lucia Helena menciona que, se na produção de Oswald da década de 1920, especificamente no romance *Serafim Ponte Grande*, a alteridade é “ativada a partir da própria ‘implosão’ do conceito de gênero literário estanque, instaurando-se o de ‘textualização’” (HELENA, p. 42; 2012), em *Marco Zero*, o autor está pressionado pela ambivalência de ser, ao mesmo tempo, um escritor atento às necessidades da criação literária e um intelectual engajado, comprometido com a mudança da realidade social que o cerca, falhando em reconhecer que a criação literária e a atividade política, embora possam ser complementares, guardam importantes diferenças que devem ser observadas (HELENA, 2012).

Por conseguinte, ao mesmo tempo em que o primeiro volume de *Marco Zero* se propõe a trabalhar com uma realidade tão complexa quanto a crise da oligarquia cafeeira e do mundo a ela correspondente, inclusive veiculando em seu enredo uma aguda interpretação para tal contexto, a maneira como tal conteúdo é captado e formalmente desenvolvido pela narrativa está eivada de sérios problemas de ordem estética. Tais problemas, em última instância, atuam como os grandes responsáveis – para manter o diálogo com Antonio Candido – por suprimir “no livro a possibilidade dialética de ultrapassar as fraquezas, vencendo-as num desenvolvimento fecundante” (CANDIDO, p. 30; 1992).

Referências bibliográficas

- ANDRADE, M. “O Movimento modernista”, in. *Mário de Andrade hoje*. São Paulo. Editora Ensaio, 1990.
- ANDRADE, O. *Marco zero I: A Revolução Melancólica*. 2. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1978.
- _____. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo. Círculo do Livro. [19-].
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo. 1. ed. Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2015.
- CANDIDO, A. “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, in. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2017.
- _____. “Estouro e libertação”, in. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- _____. “Literatura e subdesenvolvimento”, in. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo. Ática, 1989.
- FERREIRA, Antonio Celso. *Um eldorado errante: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade*. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1996.
- HELENA, L. “Marco Zero: Sementeira ... Sangue ... São Paulo”. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 6, p. 37–43, 2012. DOI: 10.20396/remate.v6i0.8636341. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636341>. Acesso em: 10/07/2020.
- NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1979.
- SCHWARZ, R. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, in. *Que horas são?*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.
- _____. “As ideias fora do lugar”, in. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo. Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- SILVA, Ana Maria Formoso Cardoso e. *Marco Zero de Oswald de Andrade: uma proposta de romance mural*. Campinas. Dissertação (mestrado) – Unicamp, 2003.
- SOUZA, Gilda de Mello e. “Teatro ao Sul”, in. *Exercícios de leitura*. São Paulo. Duas Cidades; Ed. 34, 2008.